

**CONSULTORIA COLABORATIVA NO ENSINO SUPERIOR, TENDO POR FOCO UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

***CONSULTORÍA COLABORATIVA EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR, TENIENDO POR FOCO UN ESTUDIANTE CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA***

***COLLABORATIVE CONSULTING IN HIGHER EDUCATION, FOCUSING ON A STUDENT WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER***

Grace Cristina Ferreira DONATI<sup>1</sup>  
Vera Lucia Messias Fialho CAPELLINI<sup>2</sup>

**RESUMO:** A área da Educação Especial tem natureza transversal, extrapolando, portanto, o estudante como único alvo. Suas ações devem incluir o docente como destinatário de formação específica, que deve ser continuada, flexível e se concretizar na prática diária da sala de aula. O presente relato de caso objetiva descrever os procedimentos de uma consultoria colaborativa realizada por um profissional especialista, em parceria com gestores universitários, com docentes de um curso superior de Matemática, tendo por foco um estudante com Transtorno do Espectro Autista. Foram aplicados ajustes nas estratégias de avaliação, incluindo: adequação linguística das questões e aceite de respostas orais, com apoio de solução no papel ou na lousa. O processo avaliativo foi registrado por meio de anotações, fotografias e gravações de áudio e vídeo. Ao final, as docentes relataram que foi determinante o uso das estratégias para avaliar a aprendizagem do estudante, considerando o insucesso em oportunidades anteriores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transtorno do espectro autista. Consultoria colaborativa. Ensino superior.

**RESUMEN:** *El área de la Educación Especial tiene naturaleza transversal, extrapolando, por lo tanto, al estudiante como único objetivo. Sus acciones deben incluir al docente*

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo (USP), Bauru – SP – Brasil. Pós-doutoranda pelo Departamento de Fonoaudiologia. Tem Aprofundamento em Dislexia e Distúrbios de Aprendizagem e Aprimoramento em Neurociências e Aprendizagem. É terapeuta certificada pelo Hanen Centre(R) (Canadá) para o Programa More Than Words, destinado a famílias de crianças com TEA e outras dificuldades de comunicação social. Clínica GCFD, USP Bauru. Membro do Grupo de Pesquisa Deficiências Físicas e Sensoriais da UNESP de Marília, da Associação Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Profissões Afins (ABENEPI), da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial (ABPEE), da International Society for Augmentative and Alternative Communication (ISAAC) e membro da Diretoria Executiva da ISAAC Brasil. É coordenadora do Comitê de Comunicação Alternativa e Libras do Departamento de Linguagem da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFa) para o triênio 2017-2019. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-8116-6082>>. E-mail: gracecf@uol.com.br

<sup>2</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru – SP – Brasil. Departamento de Educação, do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem e do Programa em Docência para a Educação Básica, da FC/ UNESP- Bauru. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-9184-8319>>. E-mail: vlmfcapellini@gmail.com

*como destinatario de formación específica, que debe ser continuada, flexible y concretarse en la práctica diaria del aula. El presente relato de caso objetiva describir los procedimientos de una consultoría colaborativa realizada por un profesional especialista, en asociación de gestores universitarios, junto a docentes de un curso superior de Matemáticas, teniendo por foco un estudiante con Trastorno del Espectro Autista. Se aplicaron ajustes en las estrategias de evaluación, incluyendo: adecuación lingüística de las preguntas y aceptación de respuestas orales, con apoyo de solución en el papel o en la pizarra. El proceso de evaluación se registró mediante notas, fotografías y grabaciones de audio y vídeo. Al final, las docentes relataron como siendo determinante el uso de las estrategias para evaluar el aprendizaje del estudiante, considerando el fracaso en oportunidades anteriores.*

**PALABRAS CLAVE:** *Trastorno del espectro autista. Consultoría colaborativa. Curso superior.*

**ABSTRACT:** *The area of special education has transverse nature; thus, it extrapolates the student as the only target. Its actions should include the teacher as recipient of specific training, which must be continuing, flexible and fully developed in the daily practice of the classroom. The present case report aims to describe collaborative consulting procedures performed by a professional expert in partnership with University managers, with the Faculty of Mathematics members, and focuses on a student with Autistic Spectrum Disorder. Adjustments were applied in the evaluation strategies, including linguistic adequacy and the acceptance of oral responses with the support of resolutions on paper or on the blackboard. The evaluation process was registered through notes, photographs, as well as audio and video recordings. In the end, bearing in mind the failure in previous opportunities, the teachers reported the use of the strategies to assess the student learning as decisive.*

**KEYWORDS:** *Collaborative consulting. Autism spectrum disorder. Higher education.*

## **Introdução**

De acordo com o artigo 28 da Lei 13.146/2015, que se refere à Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), os sistemas educacionais devem ser inclusivos em todos os níveis, os quais devem ser aprimorados visando eliminar barreiras e garantir a inclusão plena. Além disso, devem institucionalizar o atendimento educacional especializado, assim como os serviços e a adoção de medidas individualizadas no intuito de promover a autonomia e otimizar o desenvolvimento acadêmico dos estudantes com deficiência, garantindo pleno acesso ao currículo.

A Lei faz referência, em seus incisos XIII, XIV e VI (artigo 28), ao acesso à educação superior em igualdade de oportunidades e condições com as demais pessoas, com

a inclusão de conteúdos curriculares e critérios de avaliação, respeitando-se a singularidade da pessoa com deficiência.

Embora haja uma legislação específica que ampare o processo inclusivo de pessoas com deficiência e muitos avanços, no Brasil ainda se observam alguns desafios a serem transpostos. Segundo Siems-Marcondes (2017), o acesso e a permanência no ensino superior ainda são regidos pela meritocracia, em que o processo de ingresso é comum para todos os candidatos, independentemente da existência de deficiência ou não.

Costas (2014) e Vieira, Severo e Albertani (2014) ressaltaram que para uma efetivação da inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior serão necessárias políticas afirmativas e estruturas de apoio pedagógico, sejam eles humanos ou tecnológicos, aos estudantes. Tais necessidades deverão estar vinculadas a maiores investimentos e qualidade dos serviços na educação, no que se refere à formação de professores, bem como a diferentes estratégias e recursos de aprendizagem, que extrapolem as salas de aula.

Nesse sentido, será preciso que se busquem estratégias que efetivem o que está definido na legislação, mantendo-se o olhar individualizado às peculiaridades de cada estudante. São ainda escassos os relatos de caso que descrevem o processo de inclusão de estudantes universitários com Transtorno do Espectro Autista (TEA), modelo de publicação que pode ter alta relevância para se compreender a diversidade necessária de ações inclusivas nesse nível educacional. Ferrari (2016, p. 5), ao relatar a inclusão de um estudante com TEA em um curso de graduação, ponderou que:

No Ensino Superior é possível adotar algumas estratégias que favorecem a inclusão do estudante autista: disponibilizar programação com antecedência e avisar o estudante sobre eventuais alterações de cronograma, apoio na socialização, dilatação de tempo na entrega de atividades, utilização de tecnologia assistiva no apoio à escrita, aulas com mais informações visuais, comunicação objetiva, não utilização de figuras de linguagem, e eliminação de barreiras que causem desconforto sensorial.

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo apresentar um relato de caso, descrevendo os procedimentos de uma consultoria colaborativa no ensino superior, tendo por foco um estudante com TEA.

A consultoria colaborativa constitui-se pelo compartilhamento do trabalho entre os educadores da escola regular e profissionais especializados, visando “não somente as

intervenções quanto às dificuldades de aprendizagem do aluno, mas também no sentido de unir forças para realizar conquistas político-sociais” (ARAÚJO; ALMEIDA, p. 343).

Embora as publicações sobre a consultoria colaborativa, de acordo com Capellini (2004), sejam escassas no Brasil, Corrêa-Neto (2012) salienta que os procedimentos em consultoria colaborativa se apresentam como um procedimento promissor para o trabalho de profissionais da área da educação e da saúde.

A consultoria colaborativa não exige, necessariamente, a presença física de todos os profissionais que contribuem para tal procedimento em sala de aula, nem a intervenção direta do ensino com os estudantes público-alvo da educação especial, mas ocorre em parceria consultiva.

Neste estudo, essa parceria foi realizada por um profissional especializado, gestores universitários, e docentes de um curso superior de Matemática do interior paulista.

É importante ressaltar que, ao cruzar os unitermos “ensino superior”, “consultoria colaborativa” e “autismo”, não foi possível encontrar nenhuma publicação em periódicos da *Web of Science* e, ao realizar a busca com os unitermos “ensino superior” e “autismo”, foram identificados somente 12 artigos, dos quais, após proceder à leitura dos resumos, foram selecionados apenas dois para compor a discussão deste relato de caso, apresentado a seguir.

### **Caracterização do estudante**

O estudante que motivou a consultoria colaborativa tratada neste relato tinha 31 anos à época, diagnóstico médico de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno do Espectro Autista (TEA), desde 2014. As características apresentadas pelo sujeito são compatíveis com a descrição de Transtorno ou Síndrome de Asperger, descrita numa edição anterior do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TR) (APA, 2002).<sup>3</sup> Desde 2013, com a publicação da nova revisão do manual (DSM-V) (APA, 2013), a condição – bem como qualquer diferenciação diagnóstica relativa a ela – foi excluída do panorama de transtornos. A proposição do

---

<sup>3</sup> Critérios para Síndrome de Asperger segundo o DSM-IV-TR: prejuízo qualitativo na interação social; padrões restritos, repetitivos e estereotipados de comportamento, interesses e atividades; prejuízo clinicamente significativo nas áreas social e ocupacional ou outras áreas de funcionamento; sem atraso geral clinicamente significativo na linguagem; sem atraso clinicamente significativo no desenvolvimento cognitivo ou no desenvolvimento de habilidades de autoajuda apropriadas para a idade, comportamento adaptativo (outro que não na interação social) e curiosidade acerca do ambiente na infância.

referido manual internacional foi utilizar o termo “Transtorno do Espectro Autista” ou simplesmente TEA, para os casos de indivíduos que apresentam “déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos [...] e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades”, sendo tais manifestações apresentadas atualmente ou por história prévia.

No que se refere à avaliação das necessidades de apoio em tarefas acadêmicas do estudante, foram desenvolvidos os seguintes procedimentos:

### ***1. Análise documental de histórico escolar, laudos e pareceres técnicos***

O histórico escolar do estudante revela alto índice de reprovações em algumas disciplinas e sucesso nas principais disciplinas aplicadas.

Foi possível apreciar laudo médico, datado de 2014, com os seguintes diagnósticos: F84.9 (Transtornos globais não especificados do desenvolvimento) e F32-2 (Episódio depressivo grave sem sintomas psicóticos), segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-10) (OMS, 1997). Ressalta-se que o diagnóstico F84.9 equivale-se no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2013) à nomenclatura “Transtorno do Espectro Autista”.

O parecer psicológico, emitido na mesma data, reflete a mesma impressão clínica.

### ***2. Entrevista inicial com o estudante e seus pais***

Definiu-se por realizar contato com o estudante e seus pais, com o objetivo de coletar dados a respeito de seu desenvolvimento, histórico familiar, bem como conhecer suas perspectivas com relação às habilidades, dificuldades e necessidades de apoio.

Durante o atendimento, o jovem apresentou discurso oral bastante coeso e coerente e foi capaz de fazer uso de linguagem figurada. Definiu-se como uma “pessoa fechada” e “com conhecimento da área de humanas”, obtido ao longo de sua vida no contato com seus familiares; avalia que tem um diferencial no “modo de enxergar as coisas” (sic. estudante).

O estudante informou que sempre se saiu muito bem nas disciplinas aplicadas e “conseguia aprender de forma muito eficiente” (sic. estudante). No entanto, reconheceu, de forma clara, algumas dificuldades e limitações, principalmente com relação ao raciocínio abstrato e aos relacionamentos sociais. O jovem também relatou que, muitas vezes, as pessoas interpretam seu comportamento como arrogante, embora ele não tenha essa

intenção. Nas palavras do estudante: “Isso me faz diferente e sendo diferente, eu soffro”. Segundo ele, a medicação prescrita para o déficit de atenção auxiliou significativamente em sua concentração e aprendizagem, mas percebeu que faltavam outros apoios, embora não soubesse identificar quais. Acrescentou que sempre considerou sua oralidade como a melhor via de demonstrar o conhecimento.

A respeito das disciplinas de Matemática que estava cursando na unidade universitária, vale destacar um relato do estudante: “As pessoas fizeram com que eu acreditasse de uma outra forma de que as coisas iriam acontecer. Então, você se anima a estudar. Eu entreguei todas as listas de cálculo e a professora realmente disse que eu poderia ir lá na lousa e explicar o raciocínio, que é muito mais fácil para mim”.

Os pais do estudante informaram, em resumo, que ele sempre manifestou dificuldades com raciocínio abstrato e foi uma criança tímida, embora muito inteligente e bastante interessado em aprender. Além disso, foram relatados eventos que podem exemplificar as características de inflexibilidade, perfeccionismo, rigidez cognitiva e dificuldades de estabelecer e manter relacionamentos.

### ***3. Três sessões de avaliação com o estudante para coleta de dados a respeito de habilidades de linguagem, aspectos cognitivos e interação social***

Nas sessões de avaliação com o estudante foram coletadas amostras de fala espontânea em contexto aberto e fechado nas modalidades de narrativa livre e diálogo. Foi realizada análise do discurso oral, nos seguintes aspectos: conteúdo semântico, coesão e coerência, complexidade de construções sintáticas e discurso narrativo, versatilidade no uso de funções dialógicas e aspectos prosódicos, no que se incluem variações de ritmo, taxa de elocução e entonação, além do uso de outros elementos não verbais, como gesticulação corporal e expressão facial.

Foi realizada prova de fluência verbal FAS e as seguintes provas da Bateria MAC (FONSECA; PARENTE; CÔTÉ; SKA; JOANETTE, 2008): interpretação de metáforas, evocação lexical livre, discurso narrativo, compreensão e repetição de prosódia linguística, compreensão e repetição de prosódia emocional, interpretação de atos de fala indiretos, produção de prosódia emocional e julgamento semântico.

A avaliação permitiu identificar: dificuldade com raciocínio e orientação espacial, linguagem prolixa e rebuscada, preocupação excessiva com a forma da linguagem, uso restrito de comportamentos comunicativos não verbais, hiperfoco em interesses restritos

(ex.: bicicleta), comportamentos obsessivos, inflexibilidade cognitiva, dificuldade de planejamento e resolução de problemas, déficit significativo em habilidades sociais e dificuldade de iniciar e manter interações e relacionamentos.

#### ***4. Entrevista por videoconferência com professores do corpo docente do curso de graduação***

Foi realizada uma entrevista em grupo com docentes do curso de graduação do estudante, com intuito de obter dados esclarecedores a respeito de habilidades e limitações do estudante, segundo o ponto de vista de seus professores. Os relatos indicaram dificuldades do estudante para atender as demandas do curso e comportamentos que nomearam como antiéticos, arrogantes e agressivos, no que concerne ao relacionamento interpessoal com os professores. Quanto à percepção referente à capacidade de aprendizagem, um dos professores de disciplinas aplicadas informou que o jovem apresentou desempenho superior à média em suas matérias.

Alguns relatos indicaram dificuldades de organização do estudante, instabilidade de humor, dedicação a atividades extras à faculdade, que talvez tenham prejudicado o desempenho do estudante e alta ocorrência de faltas, sem justificativas.

#### ***5. Reunião presencial com docentes das disciplinas do Departamento de Matemática***

Em um importante espaço de escuta das docentes responsáveis pelas disciplinas que estavam sendo cursadas pelo estudante, como último requisito para a conclusão da graduação, foram compartilhadas situações de aula e de avaliação, bem como percepções a respeito do comportamento geral do estudante, de sua comunicação e de aspectos de sua aprendizagem.

As docentes reportaram alguns comportamentos que denotavam rigidez e inflexibilidade cognitiva, alterações do nível pragmático da linguagem, ansiedade e necessidade exacerbada por previsão, além de dificuldades relacionadas a algumas das funções executivas (capacidade de manter e dividir atenção, manter foco na tarefa, planejar e sequencializar ações voltadas para resolução de problemas).

As docentes mencionaram a possibilidade de realização de avaliação oral, considerando algumas situações prévias e informais, nas quais, arguido oralmente, o estudante foi capaz de expressar o conhecimento adquirido. A recomendação foi de que



essa variação de prova fosse utilizada nas duas oportunidades seguintes para que pudéssemos avaliar com precisão a validade da estratégia. Foi recomendado que a docente da disciplina conduzisse a aplicação da prova, tendo por parceira a outra docente ou outro funcionário do departamento designado para a função. A indicação da presença das professoras na situação de avaliação teve por objetivo a criação de um clima amistoso, de acolhimento, buscando a redução de comportamentos ansiosos do estudante.

Além disso, recomendou-se que o estudante fosse estimulado a elaborar um “passo a passo”, com o resumo estruturado de cada etapa a ser seguida na resolução dos exercícios, a partir do início da prova. Com base nesse guia, o estudante deveria proceder à resolução dos exercícios. Estruturar concretamente a etapa de organização do raciocínio lógico antes da solução dos exercícios é uma estratégia de forte validade para indivíduos com TEA.

Durante a reunião, foi-nos informado que o estudante estava recebendo suporte adicional por meio de aulas particulares com um professor ex-aluno da universidade. Na avaliação das docentes, tal apoio teve impacto bastante positivo no desempenho do estudante no reinício das aulas, após período de greve. Recomendou-se que as professoras fizessem contato com o professor para compartilhar as recomendações tratadas em reunião.

#### ***6. Prescrição de recomendações de estratégias e recursos de avaliação, adaptados às necessidades do estudante***

As recomendações de ajustes e adaptações de recursos e estratégias de avaliação foram apresentadas durante a reunião presencial com as docentes, as quais, em sua maioria, foram tratadas no item anterior. Ademais, vale apresentar a síntese das recomendações:

- Realizar agendamento de uma avaliação por semana;
- Disponibilizar tempo adicional ao estudante para a realização da prova;
- Redigir as questões com frases curtas e objetivas, sem detrimento do nível de exigência ou conteúdo;
- Permitir tempo para estruturação, pelo estudante, do “passo a passo” do raciocínio lógico necessário à resolução do exercício;
- Apresentar cada questão individualmente ao estudante, com intuito de ampliar o foco atencional, reduzir a exigência de organização da informação e diminuir ansiedade;
- Oferecer apoio de leitura da questão, ou seja, ler a questão para o estudante;



- Aceitar respostas manifestadas oralmente, com apoio de solução no papel ou na lousa;
- Validar, por meio de confirmação oral, o acerto do estudante;
- Registrar a avaliação com anotações escritas, incluindo comentários sobre os apoios e estratégias, fotografias e registros de áudio e vídeo, se possível.

### ***7. Reunião final com as docentes para avaliação da consultoria colaborativa***

As docentes relataram grande empenho do estudante durante as avaliações, que foi capaz de atingir bom desempenho, tendo demonstrado capacidade de cálculo mental e, por vezes, “memória extraordinária” (sic). Ambas avaliaram que foi fundamental o uso das estratégias recomendadas para avaliar a aprendizagem do estudante, que, ao fim, foi aprovado nas duas disciplinas.

Foi recomendado às docentes que compartilhassem com seus colegas de departamento um relato descrevendo os procedimentos de avaliação utilizados nesse caso, fazendo ponderação entre aspectos facilitadores e dificultadores, a fim de multiplicar os saberes adquiridos com tal experiência.

Foi formalizada a recomendação de se constituir um grupo de trabalho na unidade universitária para se redigir documento institucional com orientações e esclarecimentos aos docentes a respeito de TEA, abordando, minimamente o que segue: (1) características do transtorno no indivíduo adulto, com foco em comportamentos manifestos no ambiente da sala de aula e em situações sociais, (2) procedimentos formais para solicitação de apoio institucional, (3) procedimentos para diálogo e parceria com a família de estudantes público-alvo da Educação Especial, (4) estratégias e recursos atuais para operar ajustes em estratégias de ensino e avaliação.

### ***8. Atendimento final com o estudante para indicação de atendimentos terapêuticos***

Foi realizado atendimento final com o estudante para apresentar formalmente encaminhamento para avaliação neuropsicológica e reiterar a importância de acompanhamento psicológico e fonoaudiológico, se possível, considerando as manifestações identificadas na área da linguagem.

O Censo de Educação Superior 2016 (INEP, 2016) declara que existem cerca de 488 pessoas com TEA matriculadas no ensino superior, das quais mais da metade (56,56%) se

encontra nas universidades particulares e 43,44% em instituições públicas. Esses números parecem ser bastante significativos, merecendo ampliar os debates e reflexões sobre a temática.

Neste estudo, foi possível perceber que o apoio aos estudantes com deficiência é extremamente importante para facilitar a permanência e o aprendizado do aluno, vislumbrando-se o processo inclusivo.

Observa-se que a consultoria colaborativa se constitui em uma alternativa para a inclusão de estudantes com TEA não apenas “no âmbito da intervenção, mas também no âmbito da prevenção, da reflexão e da transformação do meio escolar” (ARAÚJO; ALMEIDA, 2014). Essa parceria poderá abrir outras possibilidades de intervenções mais bem-sucedidas no processo inclusivo escolar.

### **Considerações finais**

Tendo em vista o cenário atual de aumento significativo da prevalência de casos de TEA, assim como a ampliação de acesso desses indivíduos à educação universitária, vale tecer algumas recomendações à luz do percurso desenvolvido no caso do estudante em foco.

A Educação Especial é uma área da ciência que se dedica a amparar a inclusão social e educacional de estudantes que apresentam fragilidades ou diferenças em relação ao grupo social maior no qual está inserido. A abrangência de suas ações, de natureza transversal, extrapola, portanto, o estudante como alvo e inclui o docente como destinatário de formação específica, que deve ser continuada, flexível e se concretizar na prática diária da sala de aula.

Nesse íterim, é premente recomendar que as universidades brasileiras criem mecanismos de apoio técnico aos estudantes público-alvo da Educação Especial (e outros com necessidades específicas ainda não contempladas pela legislação, mas cujo direito à educação é garantido), assim como aos professores que enfrentam, atualmente, o desafio de transformar seu exercício docente, sem terem recebido instrução ou formação para tal.

Espera-se que os resultados deste estudo possam contribuir não somente para o desenvolvimento de práticas na inclusão do estudante com TEA, mas também com a ampliação e qualificação de pesquisas concernentes ao desenvolvimento de estudos e

intervenções sobre práticas inclusivas e no aprimoramento de políticas públicas na educação especial.

**AGRADECIMENTOS:** Agradecemos ao estudante e seus pais, bem como aos professores envolvidos na consultoria colaborativa relatada, por consentirem a utilização dos dados neste relato de caso.

## REFERÊNCIAS

APA. American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. DSM-IV TR. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. DSM-V. Porto Alegre: Artes Médicas, 2013.

ARAÚJO, L. S.; ALMEIDA, M. A. Contribuições da consultoria colaborativa para a inclusão de pessoas com deficiência intelectual. **Rev. Educação Especial**, v. 27, n. 49, p. 3341-3352, maio/ago., 2014.

BRASIL. Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Centro de Documentação e Informação. Brasília: Edições Câmara, 2015.

CAPELLINI, V. L. M. F. **Avaliação das possibilidades do ensino colaborativo no processo de inclusão escolar do aluno com deficiência mental**. 2004. 300 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

CORRÊA-NETTO, M. M. F. **A comunicação alternativa favorecendo a aprendizagem de crianças com autismo, Asperger e Angelman: formação continuada de profissionais de educação e saúde**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

COSTAS, F. A. T. Acesso, acessibilidade e inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na educação superior. In: PIECZKOWSKI, T. M. Z.; NAUJORKS, M. I. (Org.). **Educação, inclusão e acessibilidade: diferentes contextos**. Chapeco: Argos, 2014.

FERRARI, J. B. Inclusão de um estudante autista no ensino superior, um relato de experiência na UFPR Litoral. In: 7.º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL (CBEE), 2016. **Anais...** Disponível em: <<https://proceedings.galoa.com.br/trabalhos-publicados>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

FONSECA, R. P.; PARENTE, M. A. M. P.; CÔTÉ, H.; SKA, B.; JOANETTE, Y. **Bateria Montreal de Avaliação da Comunicação: Bateria MAC**. Barueri: Pró-Fono, 2008.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação. **Censo da Educação Superior 2016** – Notas Estatísticas. Brasil: Ministério da Educação, 2016. Disponível em:

<[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2016/notas\\_sobre\\_o\\_censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2016.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

OMS. **Organização Mundial da Saúde**. CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997.

SIEMS-MARCONDES, M. E. R. Estudantes com deficiência no ensino superior: trajetórias escolares, acesso e acessibilidade. **Rev. Inc. Soc.**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 94-104, jun./dez., 2017.

VIEIRA, N. J. W.; SEVERO, A.; ALBERTANI, J. Inclusão no Ensino Superior: acesso e permanência dos alunos com deficiência na Universidade Federal de Santa Maria no período de 2010 a 2012. In: PIECZKOWSKI, T. M. Z.; NAUJORKS, M. I. (Org.). **Educação, inclusão e acessibilidade**: diferentes contextos. Chapecó: Argos, 2014.

### Como referenciar este artigo

FERREIRA-DONATI, Grace Cristina; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. Consultoria colaborativa no ensino superior, tendo por foco um estudante com TEA. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13. n. esp. 2, p. 1459-1470, set., 2018. ISSN: 1982-5587. DOI: 10.21723/riaee.v13.nesp2.set2018.11655

**Submetido em:** 15/02/2018

**Aprovado em:** 02/07/2018